

# Orquestra Jazz de Matosinhos & Guinga

## Suburbano

25 nov 2023  
22:00 Sala Suggia

**Pedro Guedes** direção musical  
**Guinga** voz, guitarra e composição

ALINHAMENTO (ORDEM E PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES)

### *Par ou Ímpar\**

(Guinga/Aldir Blanc; arr. Telmo Marques)

### *Saci*

(Guinga/Aldir Blanc; arr. Catarina Ribeiro)

### *Cambono*

(Guinga/Thiago Amud; arr. Samuel Gapp)

### *Par Constante*

(Guinga; arr. Nuno Guedes de Campos)

### *Cine Baronesa*

(Guinga/Aldir Blanc; arr. Rafael Martini)

### *Bolero de Satã\*\**

(Guinga/Paulo César Pinheiro; arr. Nelson Ayres)

### *Contenda*

(Guinga/Thiago Amud; arr. José Pedro Coelho)

### *Catavento e Girassol*

(Guinga/Aldir Blanc; arr. Guillermo Klein)

### *Senhorinha*

(Guinga/Paulo César Pinheiro)

\*voz: Inês Gouveia

\*\*voz: Gabriela Kozyra

Carlos Althier de Souza Lemos Escobar, mais conhecido por Guinga, é carioca da zona norte do Rio de Janeiro — o bairro de Madureira —, onde nasceu em 1950. Durante cinco anos foi aluno de violão clássico de Jodacil Damasceno e começou a compor aos 16 anos. Trabalhou profissionalmente como violonista, acompanhando artistas como Clara Nunes, Beth Carvalho, Alaíde Costa, Cartola e João Nogueira. Teve inúmeras músicas suas gravadas por artistas como Elis Regina, Michel Legrand, Sérgio Mendes, Leila Pinheiro, Chico Buarque, Clara Nunes, Ivan Lins e tantos outros. As suas composições são parcerias com Paulo César Pinheiro, Aldir Blanc, Chico Buarque, Nei Lopes, Sérgio Natureza, Nelson Motta, Simone Guimarães, Thiago Amud, entre outros. Conta com uma dezena de CD gravados.

Reverenciado pela crítica e pares, Guinga é frequentemente considerado “o maior e o mais importante compositor brasileiro da atualidade”. Hermeto Pascoal sintetizou: “Um cara como esse só aparece a cada cem anos”.

Tem uma biografia escrita pelo jornalista Mário Marques, *Guinga, os mais belos acordes do subúrbio* (2002), e o songbook *A música de Guinga* (2003), lançados pela editora Ed. Gryphus.

*Rasgando Seda* (SESC-SP, 2012), disco em parceria com o Quinteto Villa-Lobos, foi nomeado para o Grammy na categoria Melhor Disco Instrumental do Ano. *Roendopinho* (Acoustic Music Records, 2014) tem colecionado elogiosos comentários pela crítica especializada, tendo sido indicado para o Prémio da Música Brasileira como Melhor Disco Instrumental de 2015. Por *Porto da Madama* (2015, Selo SESC), que contou com a participação de quatro cantoras — Esperanza Spalding, Maria João, Maria Pia de Vito e Mônica Salmaso —, Guinga recebeu o Prémio da Música Brasileira como Melhor Arranjador do Ano. Em 2016 lançou *Mar Afora*, pelo selo Acoustic Music Records, em parceria com a cantora portuguesa Maria João, num clássico dueto de voz e violão. O repertório passeia pelas composições de Guinga e dos seus parceiros. No ano seguinte editou *Canção da Impermanência* (Acoustic Music Records) e *Avenida Atlântica* em parceria com o Quarteto Carlos Gomes, com o carimbo SESC. Em 2018 lançou, em parceria com o clarinetista italiano Gabriele Mirabassi, *Passos e Assovio* (Acoustic Music Records).

Em 2019 fez a sua primeira digressão pelo Japão, acompanhado por Mônica Salmaso, Nailor Proveta e Teco Cardoso. Esta resultou no disco *Japan Tour: Guinga + Mônica Salmaso + Teco Cardoso + Nailor Proveta*, lançado no Japão em 2020 e distribuído no Brasil, em 2021, pelo selo Biscoito Fino. *Zaboio*, de 2021, é o seu primeiro álbum de composições inteiramente próprias (letra e música).

## Pedro Guedes direção musical

Oriundo de uma família com forte tradição musical, Pedro Guedes estudou piano com uma professora particular entre os 5 e os 9 anos de idade. Em meados dos anos 80, ingressou na recém-criada Escola de Jazz do Porto, onde foi aluno de Mário Laginha. Neste período, foi presença habitual como pianista em bares e outros palcos, e integrou a primeira formação da Orquestra de Jazz do Porto. Frequentou o Conservatório de Música do Porto com Vitali Dotsenko. A inexistência de oferta educativa na área do jazz em Portugal levou-o a mudar-se para Nova Iorque, em 1992, sendo admitido na New School for Jazz and Contemporary Music, onde concluiu o curso em 1994. Aí estudou com alguns dos mais reputados músicos de jazz (Ritchie Beirach, Fred Hersch, Brad Mehldau, Jim Hall e Joe Chambers, entre outros).

De regresso a Portugal, criou o Quinteto Pedro Guedes, para o qual compôs música original e que o levou a festivais e clubes de Portugal, Espanha e França. Em 1995 tornou-se diretor musical da Walt Disney em Portugal. Em 1997 fundou e dirigiu a Héritage Big Band, orquestra que interpretava composições e arranjos originais de *standards* e que mais tarde daria origem à Orquestra Jazz de Matosinhos.

Em 1997 regressou aos EUA, ingressando na University of Southern California em Los Angeles, onde frequentou a pós-graduação em Scoring for Motion Picture and Television como bolsheiro da Comissão Cultural Luso-Americana (comissão Fulbright) e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Concluiu a pós-graduação no ano seguinte com o prémio da USC (International Student Award) e o Prémio de Composição Harry Warren. Entre 1998 e 2001, foi programador do Festival de Jazz do Porto. Foi ainda coordenador e programador da área do jazz na Capital Europeia da Cultura — Porto 2001.

Em 1999 fundou a Orquestra Jazz de Matosinhos, da qual é atualmente diretor artístico, diretor musical, compositor, arranjador e pianista.

Após lecionar na Universidade Católica Portuguesa e no Departamento de Teatro da ESMAE, foi um dos fundadores da primeira Licenciatura em Jazz do país, também na ESMAE — Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo.

## Orquestra Jazz de Matosinhos

A Orquestra Jazz de Matosinhos tem por objetivo promover a criação, a investigação, a divulgação e a formação na área do jazz. Criada em 1997, conta com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos desde 1999. Cruza ambição internacional com responsabilidade local e investe de forma continuada no desenvolvimento de projetos artísticos diversificados e projetos formativos coerentes, e na edição discográfica de jazz português. Pioneira num território largamente inexplorado, a OJM cumpre o papel de Orquestra Nacional de Jazz. No ano em que celebrou 20 anos, recebeu a Medalha de Mérito Cultural do Primeiro-Ministro e do Ministro da Cultura.

Apresenta repertórios de todas as variantes estéticas e épocas do jazz. Tem direção artística de Pedro Guedes e foi codirigida por Carlos Azevedo. Colaborou com Maria Schneider, Carla Bley, Lee

Konitz, John Hollenbeck, Jim McNeely, Kurt Rosenwinkel, João Paulo Esteves da Silva, Carlos Bica, Ingrid Jensen, Bob Berg, Conrad Herwig, Mark Turner, Rich Perry, Steve Swallow, Gary Valente, Dieter Glawischnig, Stephan Ashbury, Chris Cheek, Ohad Talmor, Joshua Redman, Andy Sheppard, Dee Dee Bridgewater, Fred Hersch, Rebecca Martin, Peter Evans, Fay Claassen, Kiko Freitas, Gabi Guedes, Maria Rita, Maria João, Mayra Andrade, Manuela Azevedo, Sérgio Godinho, Manel Cruz, Mário Laginha, Rui Reininho, António Saiote, e com formações como a Sinfónica do Porto Casa da Música, o Remix Ensemble, o Drumming e o Quarteto de Cordas de Matosinhos. Em 2014 iniciou o ciclo Novos Talentos do Jazz, em que convida jovens músicos ibéricos a tocarem como solistas à frente da big band.

A OJM atua regularmente nas principais salas do país e tem feito digressões a cidades da Europa e dos Estados Unidos da América, incluindo Barcelona, Belgrado, Bruxelas, Marselha, Viena, Milão, Boston e Nova Iorque. Nesta última, realizou temporadas nos clubes Birdland, Jazz Standard, Jazz Gallery e Iridium, fez uma residência no Blue Note e foi a primeira formação portuguesa de jazz a participar num festival norte-americano — JVC Jazz Festival, Carnegie Hall, em 2007. O ano de 2018 marcou o início de um importante projeto de itinerância nacional, que leva às salas de todo o país o repertório tradicional para big band, música de compositores portugueses e os novos talentos do jazz.

A discografia da OJM é o reflexo de algumas das suas colaborações mais sólidas. Uma das edições mais recentes foi *Unsolvable Problems* (Improbable Records, 2019), com a música de Carlos Guedes. Em 2020, a OJM resgata a sua voz editorial com o CARA e lança *Jazz in the Space Age* — uma revisitação ao histórico álbum de George Russell, gravada ao vivo na Casa da Música com João Paulo Esteves da Silva e José Diogo Martins. Com o mesmo carimbo reeditou *Bela Senão Sem* (2021), com três temas novos a solo de João Paulo Esteves da Silva, e lançou *After Midnight* (2022) com a cantora e compositora Rebecca Martin e o contrabaixista Larry Grenadier. No mesmo ano lançou um site que arquiva e disponibiliza para audição o catálogo discográfico completo da editora TOAP (extinta em 2014).

Desde 2018, a orquestra tem a sua casa na Real Vinícola em Matosinhos, onde está instalado o Centro de Alto Rendimento Artístico (CARA) — que é não só a editora, mas também um espaço onde se promove o diálogo entre arte, ciência e tecnologia, acolhendo ainda as atividades do Programa Educativo da OJM.

**Madeiras** João Guimarães, João Pedro Brandão, Mário Santos, José Pedro Coelho, Rui Teixeira

**Trompetes** Luís Macedo, Ricardo Formoso, Rogério Ribeiro, Javi Pereira

**Trombones** Daniel Dias, Hugo Caldeira, Andreia Santos, Gonçalo Dias

### Secção Rítmica

**Piano** Miguel Meirinhos

**Guitarra** Cláudio César Ribeiro

**Contrabaixo** Demian Cabaud

**Bateria** Marcos Cavaleiro

**Percussão e vibrafone** Saulo Giovannini

**Coro** Raquel Couto, David Dias, Sofia Machado, Mário Santos,

Henrique Vale, Margarida Silva, Sara Cruz, Teresa Milheiro,

Sofia Monteiro Macaia, Joana Leite Castro